

Manda, 18, 9, 71

Querido Amigo.

①

Recebida a sua carta a II. Ou seja ante-ontem. Respondo!

PRIMO: Você ou eu, estamos completamente loucos. Não tenho bem presente o que lhe escrevi, mas, de qualquer modo considero uma desfeita da sua parte, pensar que eu seria capaz de publicar CARTAS. Quaisquer cartas. Sobretudo sem a sua autorização ou a de qualquer outra pessoa. E depois é importante que esclareça o seguinte: A consideração, o respeito, a AMIZADE, que você me merece e eu lhe dedico, são factores mais importantes, para o preservarem, a SI, e a MIM, de quaisquer mal-entendidos. § 2º Quem sou eu para publicar seja o que for, de quem quer que seja!? O que eu? na minha entaremelada língua, devo ter dito, é que, com a minha mania de guardar todas as cartas, recados, facturas, etc, que ao longo dos anos me tem vindo parar às mãos, tenho um monte variado e variegado das mais lúcidas às mais loucas das missivas. Mas tudo isso, baralhado, amarelecido e descomposto. A lembrar que eu não sou metódico e muito menos UM COLECIONADOR. Veja isto do ponto de vista de MANIA. Essa mania tem-me dado alegrias, não poucas. Aconteceu isso com as suas (algumas), cartas. Evidentemente que não tenho todas.

Imaginei então o que seria se as publicasse.... E não só as suas. Mas todas. Os anos as vidas, as pessoas todas baralhadas. Ri-me! E foitudo.

3º A saudade é real. Existe, SEMPRE. Você está tanto cá, quanto eu estou pouco, aí. Impossível viajar por estas ruas, por estes caminhos sem o ENCONTRARMOS:

4º As mascaras MAIACAS são possíveis. Diga-me como quer, para quem, quantas. Repare que são mázitas. Mas possíveis...

O que eu gostaria de ler esses poemas (AFRICAS60), é uma coisa que nem é bom falar.... Em italiano?... Tanto melhor. Com sabor Abissínio.....

Para quando a retrospectiva?—Mande dizer.

Eu pinto, tu pintas, ele pinta: Pintar, pintar... Pinto pouco, mas projectos, um rôr. Pinto bem, pinto mal, na dúvida espero mandar-lhe em breve alguns slides. Você me dirá da possibilidade de eu expôr (algum dia), aí. LISBOA.

Por cá há uns oito meses, o Herberto Helder. Vai embora no fim do mês. "Luanda é impossível, é chata, é saloia, é bárbara, é horrível." -- Porque o não seria?! Esta reacção era esperada e de esperar. É de lamentar também, pelo o que NÓS sabemos, e pela amizade e alegria que a sua presença nos dava. Vai e é pena. Ele deve procurá-lo aí.

Havia um projecto, que o envolveria a si, que evidentemente morrerá. Ele se se lembrar dirá o que seria.

Essa do meu nome em cadáver-esqueto, deixa-me pantois. Evidentemente que considero-me honrado. Mas mais, mais, a grande alegria de figurar^{la} seu lado. -- Quero crer!...

Luanda está, Luanda é, Luanda foi. Angola, N'gola é enorme, sabe-se. A guerra, a garra, a paz. Naniora é o Ka'puto, todos cá o sabemos. Você soube-o durante anos. Sabe-o agora com muito mais razão. Eu por falta de coragem (talvez...), e tantas outras: o amar irrazoavelmente ISTO. O facto de Lisboa me aborrecer de morte. O facto de me imaginar tão Imperialista Colnialista Imperialista, cá como lá.

Olho a Baía. Olho-me. UM GRANDE OLHO SOBRE A BAIÁ. -- E vou ficando. "Partir, não é cada vez mais ficar"?!!

Tudo é provável. Nestes, meus, (já), catorze anos, apenas uma grande calma. O TEMPO.

-- Todo o Tempo! ^P pode variar, mas improvável, verdadeiramente, é MUDAR-ME. Ou seja partir, para algo de bem novo. Por agora não tenho raivas, não tenho desejos. Tal como você o disse um dia: Parto da praia para casa, da casa para o emprego, do emprego...

Sei lá, talvez para a morte. E tanto se me dá!

A pintura... Pois é! Era bom. Mas que Diabo tenho eu a ver, ou que ver, com estas coisas?

Cá vou pintando. Pouco. Provavelmente mal. -- Porque é divertido. Não o pintar mal (ou bem), mas pintar. A gente imagina, às vezes pinta. -- E como é que se pinta bem?!...

Luas-cheias, Luas-bem, a gente pinta. As pessoas não percebem. Eu às vezes também não.

Porquê a Lua e neste sítio? -- E por que é que as pessoas hão-de perceber? -- Da Lua,

da pintura, e da minha Lua particular!? Penso nisto tudo. Penso sobretudo muito pouco,

penso, e ri-me. -- Pintar a Lua! É como, ^f exactamente! ^P Pintar o caneco. E enquanto como, penso. E vou mastigando, saboreando, este, ou aquele funge, com a mesma alegre indefe-

rença, que segundo creio, devemos dar a coisas tão importantes, como comer (o funge),

ou pintar qualquer Lua,

Deixo para o fim, propositadamente, a notícia da doença de sua mãe. Lamento! E a palavra soa-me oca e despropositada, prefiro guardar aqui um silêncio. Respeito e conhecimento do que será a sua dor. — Estendo-lhe um braço....

Vou para casa reler a sua carta e verificar se não me esqueço de nada. E envia-la. A carta. E esperar, esperar que você não julgue mais coisas, e me RESPONDA.

Um abraço, longo, de muitos milhares de quilômetros. — E as saudades...

Carlos Fernandez

P.S.

Relei e verifiquei que faltava uma coisa. — J. Rodrigues.

Tenho pouquíssimas coisas. Um desenho muito pequeno a lápis e um envelope (ou dois!...), mais nada. — Recordar-se de eu lhe dar um um a tinta? — Um jardim e o artista em história. Mas sei de quem tem tudo (ou quase...), a Lúcia Rego Costa. — Uma víbora! — Está em Moçambique. Se quiser posso saber a morada. — Diga portanto do que lhe aprouver a tal respeito.

Seu amigo

Carlos



Fundado em 1959

CARLOS FERNANDES

EX.sr.

ARTUR MANUEL RODRIGUES DE CRUZEIRO SEIXAS

ESTRADA DA AMEIXOEIRA 33 3dt.

01.191.04

LISBOA 5



Redacção e Administração

Calçada Gregório Ferreira, 26-1.º



(PABX) 2 67 94 Caixa Postal 6518 Telegramas : NOTÍCIA

LUANDA

CARLOS FERNANDES--LUANDA